

## **EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA ANÁLISE DO ESTADO DO CONHECIMENTO NO NORTE DO BRASIL**

Sonia Maria da Silva Araujo<sup>1</sup>  
ecosufpa@hotmail.com

Rodrigo Moura Queiroz<sup>2</sup>  
rodrigaoqueiroz@gmail.com

Carlos Henrique Garcia de Souza<sup>3</sup>  
c41k3@hotmail.com

34

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar produções acadêmicas que têm como tema educação e relações étnico-raciais, publicadas no periódico quadrimestral Revista Cocar, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). As publicações analisadas estão situadas no período 2007-2019. A metodologia utilizada baseia-se nos estudos de tipo bibliográfico, denominado de Estado do Conhecimento. Os resultados mostram que, apesar de pequena, há uma crescente evolução de publicações sobre educação e relações étnico-raciais na Revista Cocar, comprometidas, sobretudo, em combater o racismo e valorizar saberes historicamente invisibilizados, produzidos pela população negra.

**Palavras chave:** Educação; Relações Étnico-Raciais; Estado do Conhecimento; Revista Cocar

### **1 INTRODUÇÃO**

O estudo faz um mapeamento e análise das produções acadêmicas que tratam da educação e relações étnico-raciais na Revista Cocar, nos mais diversos aspectos, sejam estas produções relacionadas à representação de identidade, saberes, recursos didáticos, ambiente formal, sejam vinculadas à educação não formal.

Compreendemos ser a Lei nº 10.639/2003, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, um dos marcos históricos e legais para o fomento do debate sobre relações étnico-

---

<sup>1</sup> Professora titular do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará (UFPA), possui doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutoramento pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC/PT).

<sup>2</sup> Bolsista CAPES, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED UFPA), possui especialização em Educação e Cidadania, além de especialização em Escola que Protege. Licenciado em Pedagogia, é professor e coordenador pedagógico na educação básica da rede pública municipal de Breves, microrregião de Marajó, estado do Pará.

<sup>3</sup> Bolsista CAPES, mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED UFPA).

raciais no campo da educação, principalmente porque instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares (BRASIL, 2003). Posteriormente, tal legislação foi modificada pela Lei nº 11.645/2008, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileiras e indígena (BRASIL, 2008).

Pode-se dizer, então, que a incursão da Revista Cocar vai ao encontro do movimento de implementação das Leis supracitadas e segue o rastro da valorização das lutas e resistências antirracistas do Movimento Negro Brasileiro no Brasil, conforme defende Domingues (2007), que culminou em políticas públicas afirmativas. Dessa forma, a Revista acaba por corroborar as discussões em defesa de uma educação antirracista, democrática e comprometida com o desenvolvimento integral do educando ao formar a consciência crítica em relação a valores e práticas de respeito às diferenças.

A pesquisa visou mapear as produções acadêmicas sobre a temática educação e relações étnico-raciais em um periódico da área da Educação, produzido no Norte do Brasil, uma região profundamente plural do ponto de vista étnico-racial. A Revista Cocar (*on-line*), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), publica os mais diversos produtos intelectuais dos programas de pós-graduação no campo das Ciências Humanas, em especial os de Educação. Em específico, objetivamos identificar e destacar quais aspectos das relações étnico-raciais são discutidos nas produções mapeadas.

Os trabalhos publicados configuram-se na forma de artigos, relatos de pesquisas, experiências educacionais e resenhas de livros, de autores do Brasil e do exterior. Criada em 2007, com periodicidade semestral até 2018, passou a ser quadrimestral a partir de 2019, além de acumular várias edições especiais neste período.

A Revista tem uma estreita relação com o tema da identidade. O nome “Cocar”, que significa “coroa”, representa um ornamento utilizado por etnias indígenas. Seu significado usual pode remeter a um símbolo de *status*, de responsabilidade, entre outros. Em sua página virtual [da Revista](#), explica-se que a escolha do nome “Cocar” tem dois sentidos. O primeiro, metafórico, significa o adorno enquanto um pensamento ou cognição. O segundo, conotativo, representa a beleza da pluralidade de identidades e saberes que estão na escola ou fora dela.

Os periódicos são instrumentos privilegiados de divulgação do conhecimento científico, portanto, sujeitos a serem analisados de modo que o conhecimento científico seja sempre um autoconhecimento. Entendemos ser a revisão de si um aspecto fundamental para o próprio avanço da ciência enquanto instrumento de transformação da sociedade na direção da justiça social e da justiça cognitiva, daí o interesse em analisar a Revista Cocar. Ao estudar este

periódico, esperamos, por extensão, contribuir para a promoção, atualização e revitalização do conhecimento científico.

Ao optarmos pela investigação das produções que discutem a temática educação e relações étnico-raciais, buscamos atender às demandas consoantes às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e, para além disso, reforçar o movimento de luta e resistência, no âmbito educacional e acadêmico, contra as situações de desigualdade educacional que tanto afetam as populações negra e indígena, marginalizadas ao longo do processo de formação das relações sociais no Brasil, sobretudo porque estas relações estão fundamentadas no ideal de raça, um ideal, como destaca Quijano (2005), que produziu hierarquias entre grupos humanos, tornando o lugar de origem e os papéis sociais objetos de *status* e de relações de domínio e subalternização. É com base nesse ideal que países com democracias de baixa intensidade, como o Brasil, a cor da pele e os estigmas funcionam como recurso de “concessão” à escolarização de qualidade. Nessa direção, como explica Gomes e Laborne (2018), o direito à educação aos jovens negros fica fortemente prejudicado.

Dessa forma, nos aproximamos da discussão sobre relações étnico-raciais na sua relação com o processo histórico instituído no Brasil, que converge para fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. Trata-se de entender as relações étnico-raciais em articulação com as relações de poder que, por sua vez, estão intimamente associadas a hierarquias raciais constituídas no país e, nesse sentido, às desigualdades e privilégios de raça, que assumem um forte sentido ideológico conforme observa Munanga (2003):

O conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico (MUNANGA, 2003, p.6).

Nesse contexto, tornam-se pertinentes as discussões sobre educação e escolarização, especificamente a educação para as relações étnico-raciais, principalmente em produções científicas, para a compreensão do que se tem produzido com base, sobretudo, nos resultados das políticas de igualdade racial como o Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010) que, em seu capítulo terceiro, seção II, artigo 12, preconiza:

Os órgãos federais, distritais e estaduais de fomento à pesquisa e à pós-graduação poderão criar incentivos a pesquisas e a programas de estudo voltados para temas referentes às relações étnicas, aos quilombos e às questões pertinentes à população negra. (BRASIL, 2010, p.16)

Discutir sobre as relações étnico-raciais na educação e nas produções advindas de pesquisas e periódicos científicos é promover um movimento que debata questões historicamente compreendidas sob a égide do pensamento eurocêntrico, que atravessa os mais diversos campos do saber e difunde a concepção de que os “espaços periféricos” são incapazes de pensar o mundo em parâmetros “adequados” (NOGUERA, 2011). Nosso movimento traz à tona o protagonismo de grupos historicamente excluídos, bem como outros saberes e outros paradigmas invisibilizados pelo pensamento eurocêntrico, que incorporam experiências e práticas negadas e/ou marginalizadas por epistemologias hegemônicas.

## 2 METODOLOGIA

O estudo pauta-se em processos de pesquisa baseados no Estado do Conhecimento e faz a análise de artigos publicados na Revista Cocar sobre educação e relações étnico-raciais no período de 2007-2019. Constitui-se, portanto, em uma pesquisa de caráter bibliográfico, que tem por objetivo a “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área” (MOROSINI e FERNANDES, 2014, p. 155).

Para o levantamento destas produções, recorreremos à plataforma digital da Revista. O caminho metodológico utilizado para o levantamento dos artigos foi o seguinte: 1) identificação de artigos com títulos contendo as seguintes palavras-chave, aliadas ao tema da educação: relações étnico-raciais, diversidade ou identidade étnico-raciais; religiões de matriz africana; negros e negras; história da população negra; diversidade cultural; saberes tradicionais; cotas raciais; Lei nº 10.639; Lei nº 11.645. Vale ressaltar que a utilização de descritores, ou palavras-chave, tem por função a delimitação da temática abordada na pesquisa, orientando o levantamento de acordo com a temática central do estudo; 2) seleção dos resumos dos artigos identificados; 3) leitura dos resumos selecionados, analisando-se os objetivos e os resultados para confirmar sua aproximação com a intenção deste trabalho; 4) estudo na íntegra dos artigos pertinentes para a compreensão do tratamento das temáticas, identificação do tipos de pesquisa, verificação de fontes e análise de dados.

Com base em tais procedimentos, buscamos analisar quais dimensões das relações

étnico-raciais e a questão da educação vêm sendo discutidas na Revista Cocar. Esta modalidade de pesquisa bibliográfica é definida por Ferreira (2002) como uma possibilidade de se

discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas (FERREIRA, 2002, p. 258).

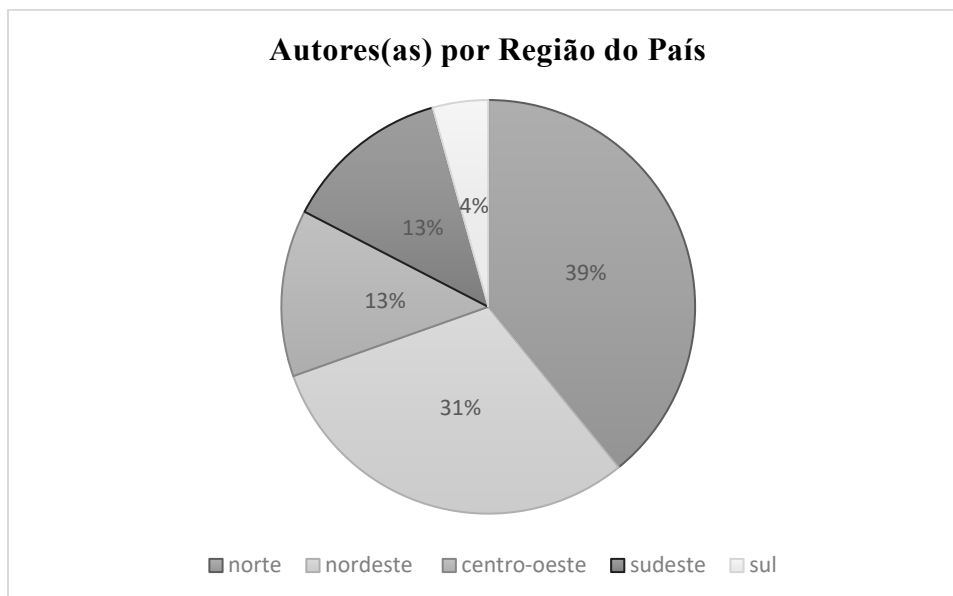
Este tipo de pesquisa proporciona um panorama do que vem sendo produzido e discutido a respeito de uma temática, área do conhecimento, e de que maneira são publicados. Realizar o balanço destes estudos nos proporcionam a organização e sistematização das informações, de modo a identificar a ausência, ou não, da temática nas publicações, assim como avaliar os avanços em relação a uma dada temática no âmbito da produção científica.

Para a elaboração do Estado do Conhecimento constituímos um panorama geral da temática na Revista Cocar para se ter a dimensão quanti/qualitativa de trabalhos. Em seguida, buscamos localizar e demonstrar através de gráfico a origem das produções, com o intuito de verificar sua abrangência no território nacional e/ou internacional. Após estas etapas iniciais, analisamos a produção ao identificarmos os artigos com base na autoria, nos títulos das publicações, edições da Revista, metodologias utilizadas e perspectivas analíticas.

### **3 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS**

Ao longo de seu tempo de existência, isto é, desde 2007, a Revista Cocar publicou 26 números, além de 06 edições especiais. Essas 32 publicações somam um total de 458 artigos divulgados. Destes, 13 artigos tratam das relações étnico-raciais, o que significa um percentual de 2,84% do total de artigos publicados. Verificamos que somente nos últimos números da Revista a temática aparece com maior regularidade, nunca ultrapassando um total de 02 artigos por número.

Dos 13 artigos analisados, todos nacionais, observamos que os vínculos dos/as autores/as estão relacionados às seguintes regiões do país: 06 do Norte, 04 do Nordeste, 01 do Centro-Oeste, 01 do Sudeste e 01 artigo com autores vinculados a mais de uma região, sendo estas Centro-Oeste e Sul.



Elaborado pelos autores

Fonte: Revista Cocar: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/index> (2019).

De um modo geral, constatamos que o tema é objeto de pesquisa por parte de autores de diversas regiões do país. Isto indica que a Revista Cocar é um importante veículo de publicação de trabalhos na área das ciências humanas no Brasil.

Conforme o gráfico apresentado, o maior número de publicação sobre o tema é oriundo da região Norte, acompanhado da região Nordeste. Seguem os percentuais: 39% (09) dos artigos são de autores da região Norte; 31% (07) do Nordeste; 13% (03) do Centro-Oeste; 13% (03) do Sudeste; e 4% (01) do Sul.

Na tabela 1, apresentamos os artigos identificados por autoria, título, edição da revista e subtemáticas discriminadas no campo das questões étnico-raciais.

Tabela 1 – Artigos por autoria, edições e subtemáticas

Autoria	Título do artigo	Edição da revista	Subtemáticas
1. MACIEL, Luiza Vieira; OTTO Clarícia.	Protagonismo docente na educação étnico-racial	v. 13, n. 26 (2019)	Docência
2. SILVA, José Bonifácio Alves da; BACKES, José Licínio.	Desnaturalizar a branquidade do sujeito da ciência moderna para des/re/contruir o currículo de história	v. 13, n. 26 (2019)	Currículo
3. COELHO Wilma de Nazaré Baía; BRITO, Nicelma Josenila Costa de.	Reflexões sobre a formação de professores e relações étnico-raciais: um olhar em perspectiva sobre as produções do Gt. 21/ANPED	v. 13, n. 25 (2019)	Formação de professores
4. SILVA, Beatriz Araújo da; CARDOSO, Lilian Bárbara Cavalcanti; AMORIN, Roseane M.	Negros e índios no livro a fada Brasília: tecendo teias e repensando nossa história a partir da análise de conteúdo	v. 13, n. 25 (2019)	Identidade

5. FARIAS JÚNIOR, Raimundo Sérgio de.	A cor presente: percepções sobre alunos cotistas negros	V. 12, N. 24 (2018)	Cotas raciais
6. FRANCESCHINI, Luciene; SILVA, Marta Regina Paulo da; MARQUES Renata Fernandes Borrozzino.	“Me empresta o lápis cor de pele?”. “Pele de quem?”: decolonizando currículos na educação infantil	v. 11, n. 22 (2017)	Currículo
7. BARBOSA Madelyne dos Santos; BARBOSA Éden dos Santos; VASCONCELOS José Gerardo.	Exu: cosmovisão, tradição e rito nos candomblés de Nação Ketu	v. 11, n. 22 (2017)	Religião
8. SILVA FILHO, Luiz Fomes da.	UNIAFRO: afrobetizando professores do Rio Grande do Norte	v. 11, n. 21 (2017)	Formação de professores
9. LOPES, Carina Loureano; CARVALHO, Igor Gonzaga de.	MULHER ESCRAVA: uma ressignificação histórica	v. 10, n. 20 (2016)	Gênero
10. THIJM Franklin Eduard Auad; COELHO, Wilma de Nazaré Baia.	Um estudo das relações raciais em teses dissertações brasileiras no período de 2004 a 2013	v. 8, n. 16 (2014)	Produção acadêmica
11. FERNANDES, José Guilherme dos Santos.	Saberes das populações tradicionais e periféricas	v. 3, n. 6 (2009)	Saberes
12. PACHECO, Agenor Sarraf.	O poder dos saberes locais: escrituras e literaturas no regime das águas marajoaras	v. 3, n. 6 (2009)	Identidade
13. MENEZES, Jaci.	Educação, cultura e diversidade e inclusão social	v. 1, n. 2 (2007)	Desigualdade/pobreza

Elaborada pelos autores

Fonte: Revista Cocar: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/index> (2019).

Dos 13 artigos selecionados, constatamos, a partir da tabela 1, uma variedade de subtemáticas. Destacamos que os subtemas mais presentes nos artigos são: docência e formação de professores, 03 artigos (23%); identidade, 02 artigos (15%); currículo, 02 artigos (15%). Os demais 06 artigos (47%), abordam predominantemente os seguintes temas: cotas, religião, gênero, produção acadêmica, saberes e desigualdade/pobreza.

Os dados apresentados na tabela 1 indicam que, apesar de uma pequena quantidade de artigos publicados durante o tempo de existência da Revista Cocar, temáticas relativas às relações étnico-raciais mostram-se presentes, com potencial de crescimento nos últimos anos, e dois trabalhos presentes em nossa pesquisa ajudam a compreender esse fenômeno: o de Thijm e Coelho (2013) e o de Coelho e Brito (2019).

Na pesquisa realizada por Thijm e Coelho (2014), o autor e a autora abordam a produção do conhecimento sobre relações étnico-raciais em programas de pós-graduação em educação e apontam que “um acentuado aumento nos programas de pós-graduação acarreta, dentre outras consequências, que temáticas diversas, a exemplo das relações raciais, tomem destaque nas análises” (THIJM e COELHO, 2013, p. 169).

Coelho e Brito (2019) levantam a produção intelectual dentro do GT 21 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED – e apontam a importância da mobilização dos/as pesquisadores/as para incorporar a temática no âmbito da Associação, que congrega intelectuais do campo da educação.

Ambos os trabalhos são pesquisas de caráter bibliográfico, do tipo Estado do Conhecimento, e nos ajudam a pensar sobre os caminhos que a área da pesquisa em educação tem trilhado para tratar do assunto. Também demonstram o quanto o tema vem se ampliando nos programas de pós-graduação em educação e em grupos de pesquisa que debatem as relações raciais no Brasil, tanto em âmbito escolar como fora dele, abrindo, desta forma, mais espaços de debate sobre o tema.

No campo de educação, há uma preocupação em relação às práticas estabelecidas em sala de aula, mostrando a importância de se problematizar a educação escolar e as relações étnico-raciais no interior da escola, como destacam Franceschini, Silva e Marques (2017). Para as autoras, “não tratar o tema da diversidade no ambiente escolar faz parte da cultura do silenciamento frente à discriminação e à injustiça social” (2017, p. 503). Maciel e Otto (2019) destacam que em meio a diversos espaços que possibilitam discussões sobre raça, a escola ainda é o *locus* privilegiado de formação de alunos e docentes em relação ao tema e que sem esse protagonismo não haveria a efetivação e continuidade de propostas voltadas para a educação das relações étnico-raciais.

Menezes (2007), que não limita sua análise ao ambiente escolar, aponta a desigualdade regional como fator preponderante para a compreensão das diferenças encontradas entre os eixos Sudeste-Sul e os eixos Centro Oeste, Norte e Nordeste. Para a autora, a qualidade de vida medida pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) demonstra as diferenças desiguais entre as regiões, mas isto se torna ainda mais visível à medida que se olha para dentro de cada região. Afirma a autora:

[...] a desigualdade entre os brasileiros se apresenta regional e racial. É uma desigualdade que incide sobre a qualidade de vida – incluindo maior ou menor acesso à educação. Significa que as formas de inclusão dos brasileiros que foram construídas no pós-independência das regiões, dos afrodescendentes são imperfeitas, porque não ajudaram na construção da igualdade, da cidadania (MENEZES, 2007, p. 19)

O acesso ao produto da riqueza gerada no país, e conseqüente qualidade de vida, para Menezes (2007), ainda é negada à parcela da sociedade, e essa parcela é formada pela população negra.



Os artigos de Silva, Cardoso e Amorin (2019); Thijm e Coelho (2014); além do artigo de Pacheco (2009), tratam da questão da identidade especificamente, ou em correlação com formação e currículo, problematizando o quão difícil é o tema num país como o Brasil, que dizimou povos indígenas, praticou o tráfico de escravos, desenvolveu toda uma economia fundada na exploração da terra e dos povos originários, marcando por séculos corpos e mentes em relação à subalternização.

Silva, Cardoso e Amorin (2019) exemplificam como foi produzida a negação da participação de sujeitos afroindígenas na formação do país, inferiorizando e excluindo suas identidades ao rever e analisar toda uma literatura que circulou nas escolas em meados do século XIX. Em meio a tentativa de construção de uma identidade nacional, pontuam que “foi por meio da escolarização que o governo encontrou um meio para imprimir a sua ideologia” (SILVA, CARDOSO e AMORIN, 2019, p. 103), pois o material literário e didático utilizado nas escolas transmitia a ideia de que a história do país somente começa a partir do início da exploração da terra, marcada com a chega dos portugueses e tratada como um privilégio aos povos nativos da Terra Brasilis.

Já os relatos de viajantes analisados por Pacheco (2009), produzidos por missionários católicos a partir de suas vivências no Arquipélago do Marajó, no estado do Pará, Brasil, demonstram a relação e a vida da população local que se desenrola no movimento das águas. Tais relatos, ao pontuarem os “traços afroindígena” do povo da região, também demonstram o quanto há de saberes produzidos por estes sujeitos.

Para Pacheco (2009), os rios e os furos da região colocaram diversos povos diferentes em contato desde o século XIX com a criação extensiva do gado e com a chegada dos primeiros africanos escravizados à região, possibilitando “intercâmbios de costumes, crenças, tradições, ideias e ideais, assim como mercadorias, sons e ritmos da cultura material e sensível” (PACHECO, 2009, p. 48). A partir de então, formou-se uma identidade em Marajó, sincronizada com rios, campos e florestas, que deixou missionários católicos dependentes de saberes de homens e mulheres afroindígenas para prosseguirem com seus projetos na região:

O projeto de evangelização agostiniano, em suas experiências com os Marajós, a partir de 1930, para conseguir instalar-se, criar raízes e expandir-se, enfrentou limites e resistências em função do insuficiente conhecimento apresentado em torno do regime das águas, das cosmologias e viveres na região. Necessitou adequar-se aos tempos de esperar, viajar e desembarcar (PACHECO, 2009, p. 56)

Os artigos de Barbosa, Barbosa e Vasconcelos (2017); Lopes e Carvalho (2016); e

Fernandes (2009) tratam de temas outros, como: religião, gênero e saberes culturais. Tais artigos demonstram a diversidade de caminhos que podem e devem ser trilhados por pesquisadores e pesquisadoras comprometidos em refazer, recontar e reconstruir as discussões sobre educação, considerando os diversos “palcos” a partir dos quais ela se processa formal e/ou informalmente, na escola e/ou em comunidades e práticas culturais.

Destacamos também os artigos que relacionam a temática étnico-racial com a formação de professores, especialmente os artigos de Coelho e Brito (2019); Thijm e Coelho (2014); e Silva Filho (2017).

O artigo de Silva Filho (2017), que busca analisar as contribuições de um curso *latu sensu* para a prática pedagógica de docentes, traz também um conceito interessante para a nossa discussão sobre formação: *afrobetização*. De acordo com Silva Filho (2017), afrobetizar representa os primeiros contatos de professores e professoras com a educação para as relações étnico-raciais. Para o autor, os professores e professoras sempre têm, em alguma medida, contato com o tema étnico-racial, mas, mesmo assim, não conseguem lidar com o assunto, revelando pouco conhecimento da nossa história. Destaca o quanto o tema é pouco tratado na formação, seja inicial ou continuada e que ainda existe muito por ser feito. Para ele, a afrobetização é necessária, pois

representa a busca pelo conhecer, representa o compromisso de profissionais em constante busca, em movimento, enveredando à procura da prática pedagógica que melhor dialoguem com a complexidade dessa realidade, isso não significa encontrar a perfeição, esses professores e professoras certamente hão de se deparar com situações que lhes desafiará, porém, certamente o que para muitos é uma situação escatológica, para estes será uma possibilidade de promover mudança e reflexão (SILVA FILHO, 2017, p. 439)

Na tabela 2, que segue, apresentamos, a partir dos títulos dos artigos, o tipo de pesquisa que os autores declaram realizar, as fontes que utilizam e os procedimentos de análise que operam para o tratamento do tema em suas publicações.

Tabela 2 – Tipos de pesquisas, fontes e procedimentos de análise dos dados por artigo

Título do artigo	Tipo de pesquisa	Fontes	Procedimentos de análise dos dados
1. Protagonismo docente na educação étnico-racial	Pesquisa de campo	Entrevista e questionário com grupo focal	Não definidos
2. Desnaturalizar a branquidade do sujeito da ciência moderna para	Documental	Textos acadêmicos	Ensaio

des/re/contruir o currículo de história			
3. Reflexões sobre a formação de professores e relações étnico-raciais: um olhar em perspectiva sobre as produções do Gt 21/ANPED	Bibliográfica	Textos acadêmicos	Não definidos
4. Negros e índios no livro a fada Brasiléia: tecendo teias e repensando nossa história a partir da análise de conteúdo	Documental	Texto literário: “A fada Basiléia”	Análise de conteúdo
5. A cor presente: percepções sobre alunos cotistas negros	Pesquisa empírica	Entrevistas semiestruturadas	Não definidos
6. “Me empresta o lápis cor de pele?”. “Pele de quem?”: decolonizando currículos na educação infantil	Relatos de experiência	Observação participante	Análise do discurso
7. Exu: cosmovisão, tradição e rito nos candomblés de Nação Ketu	Relatos de experiência	Observação participante	Descrição densa a partir de etnografia
8. UNIAFRO: afrobetizando professores do Rio Grande do Norte	Pesquisa de campo	Entrevistas estruturadas	Não definidos
9. MULHER ESCRAVA: uma ressignificação histórica	Documental	Texto literário: “As vítimas algozes”	Não definidos
10. Um estudo das relações raciais em teses dissertações brasileiras no período de 2004 a 2013	Bibliográfico	Textos acadêmicos	Análise de conteúdo
11. Saberes das populações tradicionais e periféricas	Pesquisa de campo	História oral	Descrição densa a partir de etnografia
12. O poder dos saberes locais: escrituras e literaturas no regime das águas marajoaras	Documental	Relatos de viajantes e textos literários	Análise historiográfica
13. Educação, cultura e diversidade e inclusão social	Documental	Leis, textos de intelectuais e informações do censo	Não definidos

Elaborado pelos autores

Fonte: Revista Cocar: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/index> (2019).

Dos 13 artigos apresentados na tabela 2 constatamos que 05 (39%) dos artigos decorrem de pesquisas do tipo documental; 03 (23%) de pesquisas de campo; 02 (15%) de relatos de experiência; 01 (8%) de pesquisa empírica; 02 (15%) de pesquisa bibliográfica. Com relação às fontes utilizadas, verificamos que: 03 (23%) apresentam como fontes textos acadêmicos; 03 (23%) utilizaram entrevistas e/ou questionários; 02 (15%) dizem ter utilizado dados coletados em observação participante; 02 (15%) trabalharam com textos literários; 01 utilizou relatos de viajantes (8%); 01 (8%) usou dados de história oral; e 01 (8%) se valeu de dados oficiais como legislação e censos, além de textos de intelectuais.

Em relação aos procedimentos de análise dos dados, verificamos que parte dos autores e autoras (46 %) não declaram como realizaram suas análises. Dos 07 que declararam (54%),

os procedimentos são os mais diversos: ensaio, análise de conteúdo, análise de discurso, descrição densa a partir de etnografia e análise historiográfica. Destes, a análise de conteúdo, com 02 incidências (28%), e a descrição densa a partir de etnografia, também com 02 incidências (28%), são os tipos de análise que vêm sendo utilizados nos estudos sobre educação e relações étnico-raciais

Os referidos dados nos indicam três aspectos muito interessantes. O primeiro, diz respeito ao número expressivo de pesquisas de cunho documental e bibliográfico, indicando haver uma forte tendência em se realizar pesquisas centradas em revisões de documentos e textos escritos que, por vez, foram usados para invisibilizar ou ocultar a realidade sobre a população negra, especialmente sobre a complexidade da relação do tema étnico-racial, mas, também, para divulgar, e contraditoriamente, dar visibilidade aos diversos trabalhos acadêmicos que estão sendo produzidos sobre o tema.

Esse primeiro tipo pode ser exemplificado pelo estudo de Silva e Backes (2019), que partem de uma análise documental ao reverem clássicos como Descartes e Hume, considerados básicos nas ciências modernas, ao questionarem a ciência e o método científico como estratégias de racionalidade branca,

Os positivistas fizeram da teoria do conhecimento científico um projeto social, político e cultural de colonização, de dominação burguesa, acadêmica e branca. A ciência positiva moderna é dogmática, fonte de certeza absoluta, caracterizada pela hierarquia existente entre aqueles que sabem – cientistas e doutores – e os ignorantes. A sociedade desigual é justificada pelos níveis de capacidade intelectual dos sujeitos (SILVA e BACKES, 2019, p. 381-382).

O segundo aspecto relevante, refere-se ao fato de haver um número significativo de artigos não explicitarem os procedimentos de análise dos dados, embora isto pareça não comprometer os objetivos e a interpretação dos mesmos. O terceiro e último aspecto, que nos parece importante destacar, é a diversidade de fontes que os autores usam em suas pesquisas, mostrando-nos o vasto universo de possibilidades que pesquisadores e pesquisadoras podem se valer para ajudar a problematizar as questões referentes à educação e às relações étnico-raciais nas escolas, nas universidades, ou mesmo em outros locais de formação de processos educativos, ajudando-nos desta forma a reescrever nossas histórias e a reconstruir ambientes livres de preconceito e discriminação racial.

Ao analisarmos estes artigos, verificamos que a grande maioria resulta da necessidade de seus autores e autoras em rever a forma como a educação e as relações étnico-racial foram tratadas ou relegadas ao descaso. Isto se explicita quando Farias Júnior (2018) diz que:

A imagem que se tem do negro em nossa sociedade ainda é marcada pela presença do racismo, mesmo que, muitas vezes, tenta-se amenizar esse fato. E a prática do racismo, com frequência, é seguida de algum tipo de violência (FARIAS JÚNIOR, 2018, p. 322).

O autor avaliou a opinião de estudantes não cotistas sobre colegas cotistas num curso de Medicina. Constatou que para os não cotistas o mérito é um valor do qual não abrem mão. Ignorando as condições materiais de possibilidades de cada um, estes estudantes, que, grosso modo, sempre puderam se dedicar exclusivamente aos estudos, consideram que os cotistas “roubam” a vaga de quem está mais qualificado. Revela Faria Júnior (2018) que os dados de campo indicam haver no interior do curso de Medicina um racismo camuflado. Os não cotistas tentam esconder o preconceito racial em relação à presença dos cotistas no curso.

O artigo de Lopes e Carvalho (2016) que, por sua vez, coloca no centro do debate a questão de gênero, revela uma outra faceta do ocultamento: o da violência contra a mulher negra. Ao trazer para discussão o tema, os autores resgatam um período de extrema opressão à população negra. No intuito de investigar “o universo de quem viveu a experiência de ter sua identidade inviabilizada e ser submetida à violência” (LOPES; CARVALHO, 2016, p. 237), os autores também revelam ações de resistência ao sistema escravista. A partir de uma obra literária, os autores chamam a atenção para o pensamento que circulava, e que por vezes ainda circula, sobre a mulher negra, ora vista como corpo útil aos interesses da classe dominante, explorado em serviços braçais, ora como objeto de desejo e/ou detentora da malícia capaz de corromper “corações puros”. Ardilosa, a mulher negra é representada como capaz de manipulações diversas, inescrupulosas, para conseguir seus objetivos.

O artigo de Fernandes (2009), em particular, acaba por trazer para a discussão a relação entre práticas culturais populares, produzidas por populações negras de periferia, e pobreza. É o próprio autor quem questiona: “por que, sendo participante de um evento cultural tão rico, a ponto de representar o Pará em uma mostra cultural, o Nezinho vivia tão miseravelmente, nem possuindo seu “instrumento de trabalho”? (FERNANDES, 2009, p. 60). O autor destaca as contradições visíveis do sistema no qual vivemos, que se utiliza dos conhecimentos de agentes culturais, os explora e os subalterna, e faz com que os próprios agentes coloquem em dúvida sua importância e seus conhecimentos.

Numa outra perspectiva, Barbosa, Barbosa e Vasconcelos (2017), que tem como subtema principal manifestações religiosas de matriz africana, apresentam em seu artigo todo

um processo de educação não formal produzido nos terreiros de Candomblé. Os autores esclarecem:

Um dos fatores mais destacados no Candomblé se refere aos métodos de transmissão dos seus ensinamentos. Fundamentalmente eles são transmitidos por meio da tradição oral, os mais velhos na religião ensinam aos mais novos, de tudo se aprende, de tudo se explica, afinal os saberes litúrgicos do cotidiano de uma roça de Candomblé são vivenciados na prática, ou melhor, na pedagogia do terreiro (BARBOSA, BARBOSA e VASCONCELOS, 2017, p. 381).

Os relatos de experiência nos terreiros, apreendidos pelos autores, indicam que a transmissão e troca de conhecimentos naqueles espaços ocorre na maioria das vezes de forma oral e revelam toda a complexidade de ritos transmitidos na esfera religiosa de matriz africana, que, como bem destacam os autores, sofre os mais variados tipos de ataques.

Mesmo partindo de diferentes subtemáticas, os artigos dão visibilidade a diversos campos antes silenciados. A história, a identidade, as manifestações religiosas e culturais expostas nos artigos acabam por reafirmar e colocar em discussão saberes ocultados pelo eurocentrismo que faz parte de nossa história.

Tais aspectos reiteram a importância de se ampliar e diversificar as pesquisas relacionadas ao tema educação e relações étnico-raciais, pois os artigos analisados indicam que, embora as pesquisas tenham avançado, há muito ainda por se produzir neste campo.

## 4 CONCLUSÕES

Buscamos reunir neste trabalho os artigos que tratam da temática educação e relações étnico-raciais, publicadas na Revista Cocar, coordenada pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Pará (UEPA), entre 2007-2019.

A partir do levantamento feito e das análises operadas, pudemos conhecer o que se vem produzindo sobre o tema. Constatamos que ele é explorado nas pesquisas a partir de diferentes pontos de vistas, já que se o associa a subtemáticas diversas, que enriquecem e ampliam o escopo das investigações. Utilizando-se também de vários tipos de fontes e operando metodologias diversas, os artigos indicam o quanto o tema é complexo. Todavia, nos ajudam a pensar sobre “o já feito” e perspectivar, como destaca Muller (2015), o que pode ser aprofundado e o que precisa ainda ser investigado. Ao mapear o produzido, o Estado do Conhecimento, como destaca ainda o autor anteriormente citado, possibilita e permite a

atualização de dados sobre o tema pesquisado.

A leitura atenta e a análise dos artigos colocaram para nós novos desafios e indicaram que muito ainda há por se produzir sobre o tema. Demonstraram os caminhos que as pesquisas vêm desenvolvendo, as lacunas deixadas e as novas possibilidades de investigação a serem seguidas.

Percebemos que apesar das poucas pesquisas publicadas pela Revista Cocar sobre o tema, ela segue um movimento nacional, que conta com poucas, mas cada dia mais crescentes, produções. Inferimos que isto decorre do grau de preconceito que circunda o tema, os poucos grupos de pesquisa nas universidades e a falta de densidade na relação entre esses grupos e os movimentos sociais.

A tímida, porém crescente evolução de pesquisas desenvolvidas na temática educação e relações étnico-raciais, e que encontra eco nas publicações da Revista Cocar, servem de estímulo para que outros pesquisadores se interessem pelo tema e se engajem na produção de um conhecimento que, se comprometido com o combate ao racismo, discriminação e preconceito raciais, e aliado à valorização de sujeitos e saberes historicamente invisibilizados, poderá contribuir para a construção de um conhecimento prudente, capaz de promover, como diz Santos (2005), uma vida decente.

## **EDUCATION AND ETHNIC-RACIAL RELATIONS: AN ANALYSIS STATE OF KNOWLEDGE IN NORTHERN BRAZIL**

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze academic productions that have as their themes 'education and ethnic-racial relations', published in the four-months periodical 'Revista Cocar', from the postgraduate program in Education from the State University of Pará (UEPA). The analyzed publications are located in the period 2007-2019. The methodology used is based on studies of the bibliographic type, called State of Knowledge. The results show that, in spite of being small, there is an increasing evolution of publications about education and ethnic-racial relations in Revista Cocar, mainly, committed to fighting against racism and valuing knowledge historically invisibilized and produced by the black population.

**Keywords:** Education. Ethnic-Racial Relations. State of Knowledge, Revista Cocar

### **REFERÊNCIAS**

BARBOSA Madelyne dos Santos; BARBOSA Éden dos Santos; VASCONCELOS José Gerardo. Exu: cosmovisão, tradição e rito nos candomblés de Nação Ketu. **Revista Cocar**, Belém, v. 11, n. 22, p. 374-393, jul./dez., 2017. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/1613>. Acesso em: 4 jul. 2019.

BRASIL, Lei 12.288/10. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. **Lei n.º 11.645/2008**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 18 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n.º 10.639/2003**, que altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira, 2003.

COELHO Wilma de Nazaré Baía; BRITO, Nicelma Josenila Costa de. Reflexões sobre a formação de professores e relações étnico-raciais: um olhar em perspectiva sobre as produções do Gt. 21/ANPED. **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 25, p. 458-482, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/2169>. Acesso em: 4 jul. 2019.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23 p-100-122, 2007.

FARIAS JÚNIOR, Raimundo Sérgio de. A cor presente: percepções sobre alunos cotistas negros. **Revista Cocar**, Belém, v. 12, n. 24, p. 316-342, jul./dez., 2018. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/1935>. Acesso em: 4 jul. 2019.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Saberes das populações tradicionais e periféricas. **Revista Cocar**. Belém, v. 3, n. 6, p. 59-64, jul./dez., 2009. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/25>. Acesso em: 4 jul. 2019.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte. **Revista Educação & Sociedade** [online], Campinas, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, ago., 2002.

FRANCESCHINI, Luciene; SILVA, Marta Regina Paulo da; MARQUES Renata Fernandes Borrozzino. “Me empresta o lápis cor de pele?”. “Pele de quem?”: decolonizando currículos na educação infantil. **Revista Cocar**, Belém, v. 11, n. 22, p. 502-521, jul./dez., 2017. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/1618>. Acesso em: 4 jul. 2019.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e1974062018, p. 1-26, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698197406>. Acesso em: 10 jul. 2019.

LOPES, Carina Loureano; CARVALHO, Igor Gonzaga de. MULHER ESCRAVA: uma ressignificação histórica. **Revista Cocar**, Belém, v. 10, n. 20, p. 236-254, ago./dez., 2016. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/974>. Acesso em: 4 jul. 2019.



MACIEL, Luíza Vieira; OTTO, Clarícia. Protagonismo docente na educação étnico-racial. **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 26, p. 461-477, mai./ago., 2019. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/2521>. Acesso em: 4 jul. 2019.

MENEZES, Jaci. Educação, cultura e diversidade e inclusão social. **Revista Cocar**. Belém, v. 1, n. 2, p. 7-20, jul./dez., 2007. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/128>. Acesso em: 4 jul. 2019.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Revista Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez., 2014.

MUNANGA Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB**, Rio de Janeiro, nov., 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf> Acesso em: 2 nov. 2019.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

PACHECO, Agenor Sarraf. O poder dos saberes locais: escrituras e literaturas no regime das águas marajoaras. **Revista Cocar**. Belém, v. 3, n. 6, p. 43-58, jul./dez., 2009. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/24>. Acesso em: 4 jul. 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 227-278.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 41-188.

SILVA FILHO, Luiz Fomes da. UNIAFRO: afrobetizando professores do Rio Grande do Norte. **Revista Cocar**, Belém, v. 11, n. 21, p. 427-444, jan./jul., 2017. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/1301>. Acesso em: 4 jul. 2019.

SILVA, Beatriz Araújo da; CARDOSO, Lilian Bárbara Cavalcanti; AMORIN, Roseane M. Negros e índios no livro a fada Brasília: tecendo teias e repensando nossa história a partir da análise de conteúdo. **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 25, p. 191-213, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/2157>. Acesso em: 4 jul. 2019.

SILVA, José Bonifácio Alves da; BACKES, José Licínio. Desnaturalizar a branquidade do sujeito da ciência moderna para des/re/contruir o currículo de história. **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 26, p. 376-392, mai./ago., 2019. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/2516>. Acesso em: 4 jul. 2019.

THIJM Franklin Eduard Auad; COELHO, Wilma de Nazaré Baia. Um estudo das relações raciais em teses dissertações brasileiras no período de 2004 a 2013. **Revista Cocar**. Belém, v.



8, n. 16, p. 167-181, ago./dez., 2014. Disponível em:  
<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/376>. Acesso em: 4 jul. 2019.

Recebido em 15 de abril de 2020. Aprovado em 18 de maio de 2020.

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma  
publicação da Universidade do Estado do Mato Grosso,  
Brasil, iniciada em 2011.